

EXPLORANDO O ENSINO FUNDAMENTAL: UM ENFOQUE NOS POVOS INDÍGENAS

Jessiara da Silva Cardoso ¹
William da Silva Alves ²
Edimar José Sousa da Silva ³
Maria Ozita ⁴

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta as vivências de estudantes do 1º período do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, UESPI, em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental com a presença da professora Elizete Machado Carvalho, da Escola Municipal Benedito dos Santos Lima, em Parnaíba-PI. Durante esse breve período, trouxemos para a sala de aula atividades que exploravam a cultura indígena de maneira significativa. Isso incluiu interpretações relacionadas às moradias indígenas e ao estilo de vida desses povos.

Iniciamos com a produção do cocar indígena tendo como referência o desenho impresso do artefato com o intuito de apresentar referências da cultura dos povos indígenas e seus significados, ensinamos os alunos sobre os alimentos cultivados pelos indígenas para seu sustento, além de apresentar as malocas e sua organização social. Cada maloca, como explicamos, é subdividida em espaços menores chamados "ocas", onde uma família reside.

O objetivo deste relato é expor as atividades que foram realizadas pela dupla em sala de aula na escola supracitada. Segundo o filósofo e escritor Albert Camus, "Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro." Entende-se ser de suma importância o conhecimento histórico e cultural que direcionamos em sala mostrando a luta dos povos tradicionais. Um povo que resiste mesmo diante de tantos preconceitos enfrentados, precisamos resgatar as suas origens e é isso que fizemos para as nossas crianças ensinando a conhecer e valorizar suas raízes considerando a prática como um meio de aprendizado para a

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, jessiaradascardoso@aluno.uespi.br;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, w_da_silva_a@aluno.uespi.br;

³ Professor orientador: licenciado em Pedagogia – UESPI/Bacharel em Ciências Contábeis – UFPI/ Especialista em Educação de Jovens e Adultos na diversidade e inclusão social – UFPI, ramidejss@hotmail.com;

⁴ Docente da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Coordenadora do PIBID - Pedagogia;

construção e formação do ser social. Um aprendizado que vai ficar na memória não só dos alunos, mas de todos os que participarem deste trabalho.

Um artefato de grande importância na cultura indígena é o cocar, ao longo dos anos ele se tornou um dos ornamentos tradicionais da cultura indígena possuindo grande representatividade. Segundo a Fundação Nacional dos Povos Indígenas na crença da etnia Haliti-Pareci no Mato Grosso, as cores fortes e diversas do cocar são como escudos usados para rebater as energias negativas e os espíritos ruins que tentam desvirtuar o objetivo e o foco do caminho do homem indígena, baseado nisto propusemos a criação do cocar que foi realizado com folha chamex que continha o desenho do cocar. A produção foi feita com elementos naturais como folhas de plantas ao invés de penas e palitos de fósforos riscados para a segurança das crianças e utilizamos cola e lápis de cor.

Durante esse período nos envolvemos em atividades que buscavam elucidar a rica diversidade cultural dos povos indígenas. Ao colaborar com o desenvolvimento das crianças adotamos abordagens lúdicas para favorecer o aprendizado e engajamento.

Nas reuniões de planejamento discutimos a aplicação de atividades criativas para enriquecer a experiência dos alunos no projeto. Embora tivéssemos uma participação limitada devido nosso início tardio, aproveitamos ao máximo a orientação de nossos supervisores. Suas sugestões direcionaram nossas ações dentro da sala de aula, assegurando que nosso ensino fosse eficaz e respeitoso.

Ao adotar essa abordagem, buscamos não apenas compartilhar informações, mas também enriquecer a educação dos alunos com uma perspectiva culturalmente diversa, promovendo uma apreciação genuína da cultura indígena..

METODOLOGIA

Durante o período de abril a junho de 2023, sob a orientação do supervisor Edimar José Sousa da Silva da mesma escola municipal citada no início desse texto, nossa experiência de ensino foi uma jornada repleta de desafios e descobertas. Esse foi o nosso primeiro contato com a dinâmica escolar, foi surpreendentemente diferente do que estávamos acostumados.

A partir dos direcionamentos acerca do projeto discutido nas reuniões, adotamos intervenções que visavam engajar as crianças de maneira criativa e enriquecedora. Um exemplo foi a atividade onde fornecemos cópias de um desenho de um indígena com um cocar em branco, permitindo que as crianças explorassem sua criatividade ao pintar e aplicar texturas

sobre o cocar. Essa atividade foi mais do que uma simples tarefa artística; utilizamos a oportunidade para discutir com elas os aspectos culturais do cocar indígena, seus propósitos e significados.

Além disso, para expandir o conhecimento delas sobre os indígenas, incorporamos a prática de contar lendas. Essas histórias antigas alimentaram suas imaginações e interesse. Uma lenda local, em particular, a de Macyrajara, lenda essa que conseguiu chamar mais atenção da classe. Segundo relata a lenda, Macyrajara, filha do chefe Botocó da tribo dos Tremembés, apaixonou-se por Ubitã, um guerreiro de uma tribo rival. A história ilustrou a paixão proibida e permitiu que as crianças se conectassem com a cultura local e suas raízes indígenas.

Além da lenda de Macyrajara, exploramos outras histórias emblemáticas, incluindo a famosa figura do Saci Pererê. Revelamos detalhes que antes não eram conhecidos pelos alunos, como sua origem indígena e a complexidade de sua história. Ao desvendar os mitos e lendas que compõem a rica tapeçaria cultural brasileira, nosso objetivo era não apenas ensinar, mas também incitar a curiosidade e promover uma compreensão mais profunda do nosso patrimônio cultural.

Nossa jornada educacional foi um processo de aprendizado mútuo. As crianças absorveram informações valiosas sobre sua própria herança cultural e demonstraram entusiasmo ao aprender os conteúdos trabalhados. Nós, como educadores em formação, aprendemos a adaptar nosso ensino para atender às necessidades dos alunos, construindo uma ponte entre o conhecimento teórico e a aplicação prática no ambiente escolar. A experiência nos mostrou a importância de abordagens pedagógicas dinâmicas e inovadoras para estimular o aprendizado e enriquecer a experiência educacional das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência que compartilhamos foi uma mistura de prazer e apreensão, um misto de emoções que nos levou a refletir sobre a importância de transmitir o conhecimento com empatia. Essa experiência nos proporcionou uma oportunidade valiosa de estar na sala de aula, enfrentando os desafios da educação nos proporcionando momentos de grande aprendizado nos fazendo sentir capazes de superar desafios e oferecer um ensino de qualidade.

Observamos com satisfação que as crianças demonstraram um grande interesse no tema. Ao questionarmos sobre o nome do adorno usado pelos indígenas na cabeça, um dos alunos prontamente respondeu em voz alta: "É o cocar!". A partir daí percebemos o engajamento da turma expressando curiosidade em aprender mais sobre a cultura indígena.

Essa experiência revelou a importância de abordar a educação de forma envolvente e interativa. Vimos que, ao estimular a curiosidade das crianças e conectá-las com histórias culturais relevantes, podemos criar um ambiente de aprendizado significativo. A exposição na UESPI foi uma oportunidade de compartilhar os resultados do nosso trabalho com um público mais amplo, e a reação positiva das crianças validou nosso esforço em proporcionar um ensino estimulante e enriquecedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao término do projeto intitulado "Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas", realizamos uma exposição na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Neste evento, apresentamos os resultados do nosso trabalho em sala de aula, que incluíam brinquedos indígenas e artesanato. Os itens expostos não eram apenas objetos físicos, mas também representavam o esforço e a dedicação que tivemos na execução do projeto.

No final das contas, essa experiência nos ensinou que o ensino vai além da transmissão de informações; envolve inspirar a paixão pelo aprendizado e cultivar um ambiente de respeito e valorização das diferentes culturas e conhecimentos. Estamos gratos por essa jornada e ansiosos para aplicar essas lições em outras oportunidades.

Palavras-chave: Educação, povos indígenas, cultura.

AGRADECIMENTOS

Expressamos nossa gratidão primeiramente a Deus, em segundo lugar à nossa família e, por fim, ao supervisor Edimar José e à Universidade Estadual do Piauí, por meio do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Agradecemos ao referido programa e também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

REFERÊNCIAS:

SILVA, Magda do Carmo e OLIVEIRA, Renata Araújo de. **Dialogando com Magda Soares sobre alfabetização, práticas pedagógicas e formação de rede**. Práxis Educativa, Ponta

Grossa, v. 13, n. 3, 2018, p. 928-940. Disponível em:
<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/10614/209209210254>. Acesso em 23 Agos. 2023.

CAMUS, Albert. **A Peste**. 25 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019. 288p.

MÁRIO, Vilela. Símbolos: Uso do cocar reúne diferentes significados para os indígenas. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/simbolos-uso-do-cocar-reune-diferentes-significados-para-os-indigenas>. Acesso em 28 agos. 2023.

WILSON, José. Lagoa do Portinho e a Lenda de Macyrajara e Ubitã. Disponível em: <https://www.phbemnota.com/2019/05/lagoa-do-portinho-e-lenda-de-macyrajara.html>. Acesso em 03 maio 2019.